Participação do Irã, da Palestina e da Liga Árabe na Assembleia Geral da ONU

Participación de Irán, Palestina y la Liga Árabe en la Asamblea General de la ONU

Participation of Iran, Palestine and the Arab League in the UN General Assembly

Laura Tavares Soares

Resumo: Este Informe trata da participação de países da região MENA na 81a Assembleia Geral das Nações Unidas, realizada em setembro de 2026 em Nova York, notadamente o Irã, a Palestina — países em guerra — e a Liga Árabe, organização dos países árabes. Aqui se analisa os principais pontos dos discursos dos Presidentes do Irã e da Palestina (este último por vídeo) bem como a participação de suas respectivas Delegações (ambas restringidas pelo não fornecimento de vistos por parte do governo dos EUA) nas diversas atividades da Assembleia (reuniões bilaterais e eventos paralelos). No caso do Irã, foi a primeira vez que um país em guerra com os EUA discursou em solo norte-americano, com seu Presidente proferindo um discurso desafiador respondendo diretamente as acusações e ameaças do Presidente Donald Trump — tais como "terrorismo", armas nucleares e aniquilamento. Citando o Presidente do Irã, "*a arma nuclear está em Israel, mas os inspetores estão no Irã. Israel mata, mas o Irã está sujeito a sanções*." Afirmou, ainda, que sem justiça para a Palestina não haverá paz no Oriente Médio. Ao final da intervenção se declarou aberto à negociação diplomática. As reações oficiais da ONU foram diplomáticas e focadas em uma desescalada da guerra. Com relação à Palestina, só foi permitido ao seu Presidente realizar o discurso por vídeo na Assembleia, no qual reafirma que "*não abandonaremos nossa pátria. Não aceitaremos o deslocamento. Não deixaremos que ninguém decida nosso futuro em nosso nome*." Destaca-se que a Palestina possui *status* de Estado observador não-membro desde 2012. Isso permite participação em debates da Assembleia Geral, mas sem direito a voto: a *plena adesão como membro continua bloqueada pelo veto norte-americano no Conselho de Segurança*. A representação presencial ficou a cargo principalmente do Observador Permanente da Palestina na ONU. Os encontros bilaterais foram predominantemente conduzidos pelo Observador Permanente na Assembleia e tiveram caráter de reafirmação de solidariedade e coordenação política, enquanto o Presidente Abbas manteve presença virtual em eventos-chave de alto nível relacionados ao processo de paz. Mesmo dessa forma, a participação da Palestina teve um impacto significativo no plano simbólico e diplomático — consolidando apoio multilateral à Palestina e pressionando os EUA — mas com efeitos práticos limitados sobre o status formal da Palestina ou a dinâmica do conflito. Ela ilustra tanto a força da Assembleia Geral em expressar a vontade da maioria quanto os limites de suas resoluções quando confrontadas com o poder de um membro permanente e anfitrião da organização. Finalmente, foi analisada brevemente o papel da Liga Árabe na ONU de coordenação política, defesa coletiva de interesses regionais e promoção de posições comuns, especialmente em questões de segurança, paz e causa palestina; bem como sua participação na 81ª Assembleia Geral. Nas Considerações Finais foram feitas quatro resenhas do noticiário internacional sobre a participação do Irã, da Palestina e da Liga Árabe na 81ª Assembleia Geral da ONU.

Resumen: *Este informe aborda la participación de los países de Oriente Medio y Norte de África (MENA) en la 81.ª Asamblea General de las Naciones Unidas, celebrada en septiembre de 2026 en Nueva York, en particular Irán, Palestina (países en guerra) y la Liga Árabe (organización de países árabes). Analiza los puntos principales de los discursos de los presidentes de Irán y Palestina (este último por videoconferencia), así como la participación de sus respectivas delegaciones (ambas con acceso restringido debido a la negativa del gobierno estadounidense a concederles visados) en las diversas actividades de la Asamblea (reuniones bilaterales y eventos paralelos). En el caso de Irán, fue la primera vez que un país en guerra con Estados Unidos se pronunciaba en suelo estadounidense. Su presidente pronunció un discurso desafiante, respondiendo directamente a las acusaciones y amenazas del presidente Donald Trump, como «terrorismo», armas nucleares y aniquilación. Citando al presidente iraní: «El arma nuclear está en Israel, pero los inspectores están en Irán. Israel mata, pero Irán está sujeto a sanciones». Añadió que sin justicia para Palestina no habrá paz en Oriente Medio. Al final de su discurso, se declaró abierto a negociaciones diplomáticas. Las reacciones oficiales de la ONU fueron diplomáticas y se centraron en la desescalada del conflicto. En cuanto a Palestina, su presidente solo pudo pronunciar su discurso por videoconferencia ante la Asamblea, en el que reafirmó que «no abandonaremos nuestra patria. No aceptaremos el desplazamiento. No permitiremos que nadie decida nuestro futuro en nuestro nombre». Cabe destacar que Palestina ostenta el estatus de Estado observador no miembro desde 2012. Esto le permite participar en los debates de la Asamblea General, pero sin derecho a voto: la membresía plena sigue bloqueada por el veto de Estados Unidos en el Consejo de Seguridad. La representación presencial estuvo a cargo principalmente del Observador Permanente de Palestina ante la ONU. Las reuniones bilaterales fueron dirigidas mayoritariamente por el Observador Permanente ante la Asamblea y se caracterizaron por la reafirmación de la solidaridad y la coordinación política, mientras que el presidente Abbas mantuvo una presencia virtual en eventos clave de alto nivel relacionados con el proceso de paz. Aun así, la participación de Palestina tuvo un impacto significativo a nivel simbólico y diplomático —consolidando el apoyo multilateral a Palestina y ejerciendo presión sobre Estados Unidos—, pero con efectos prácticos limitados sobre el estatus formal de Palestina o la dinámica del conflicto. Esto ilustra tanto la fortaleza de la Asamblea General para expresar la voluntad de la mayoría como las limitaciones de sus resoluciones ante el poder de un miembro permanente y anfitrión de la organización. Finalmente, se analizó brevemente el papel de la Liga Árabe en la ONU, centrándose en la coordinación política, la defensa colectiva de los intereses regionales y la promoción de posiciones comunes, especialmente en materia de seguridad, paz y la cuestión palestina; así como su participación en la 81.ª Asamblea General. Las Observaciones Finales incluyeron cuatro análisis de la cobertura informativa internacional sobre la participación de Irán, Palestina y la Liga Árabe en la 81.ª Asamblea General de la ONU.*

Abstract: *This report addresses the participation of MENA countries in the 81st United Nations General Assembly, held in September 2026 in New York, notably Iran, Palestine — countries at war — and the Arab League, an organization of Arab countries. It analyzes the main points of the speeches by the Presidents of Iran and Palestine (the latter via video) as well as the participation of their respective delegations (both restricted by the US government's refusal to grant visas) in the various activities of the Assembly (bilateral meetings and side events). In the case of Iran, it was the first time a country at war with the US spoke on American soil, with its President delivering a defiant speech directly responding to accusations and threats from President Donald Trump — such as "terrorism," nuclear weapons, and annihilation. Quoting the President of Iran, "the nuclear weapon is in Israel, but the inspectors are in Iran. Israel kills, but Iran is subject to sanctions." He further stated that without justice for Palestine there will be no*

peace in the Middle East. At the end of his speech, he declared himself open to diplomatic negotiations. The official UN reactions were diplomatic and focused on de-escalating the war. Regarding Palestine, its President was only allowed to deliver his speech via video to the Assembly, in which he reaffirmed that "we will not abandon our homeland. We will not accept displacement. We will not let anyone decide our future in our name." It is noteworthy that Palestine has held non-member observer state status since 2012. This allows participation in General Assembly debates, but without voting rights: full membership remains blocked by the US veto in the Security Council. In-person representation was primarily handled by the Permanent Observer of Palestine to the UN. Bilateral meetings were predominantly conducted by the Permanent Observer to the Assembly and were characterized by reaffirmations of solidarity and political coordination, while President Abbas maintained a virtual presence at key high-level events related to the peace process. Even so, Palestine's participation had a significant impact on a symbolic and diplomatic level—consolidating multilateral support for Palestine and putting pressure on the US—but with limited practical effects on the formal status of Palestine or the dynamics of the conflict. This illustrates both the strength of the General Assembly in expressing the will of the majority and the limits of its resolutions when confronted with the power of a permanent member and host of the organization. Finally, the role of the Arab League in the UN was briefly analyzed, focusing on political coordination, collective defense of regional interests, and promotion of common positions, especially on security, peace, and Palestinian issues; as well as its participation in the 81st General Assembly. The Concluding Remarks included four reviews of international news coverage regarding the participation of Iran, Palestine, and the Arab League in the 81st UN General Assembly.

Irã

O Irã participou da 81ª sessão da Assembleia Geral da ONU (AGNU/UNGA) [https://brasil.un.org/pt-br/322029-assembleia-geral-da-onu], em Nova York, com seu presidente *Masoud Pezeshkian* discursando em 23 de setembro de 2026. [https://gadebate.un.org/en/81/iran-islamic-republic]

A delegação iraniana (incluindo *Pezeshkian* e o ministro das Relações Exteriores *Abbas Araghchi*) recebeu vistos dos EUA para a "delegação principal", conforme obrigações do país anfitrião, embora em tamanho reduzido em relação ao ano anterior e com restrições de deslocamento e compras.

Contexto e preparação

O Irã enfatizou que a sua participação é um *direito legal*, por ser um dos 50 membros fundadores da ONU, e não um favor.

O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, *Esmaeil Baghaei,* acusou "o outro lado" de tentar obstruir a presença iraniana.

A participação ocorreu em meio a um conflito aberto entre Irã e EUA/Israel (iniciado em fevereiro de 2026 com ataques aéreos, que incluiriam a morte do líder supremo Ali Khamenei).

Foi destacado o fato de ser a primeira vez em décadas que o líder de um país em guerra com os EUA discursou em solo americano durante a AGNU/UNGA.

A delegação iraniana enfrentou restrições de movimento em Manhattan e proibições de compras.

Imagem 1 Masoud Pezeshkian, presidente do Irã na 81ª UNGA



Discurso do Presidente do Irã na UNGA — setembro de 2026

Pezeshkian [1] proferiu um discurso desafiador de cerca de 19 minutos na AGNU/UNGA, respondendo diretamente a acusações do presidente americano Donald Trump (que no dia anterior havia chamado o Irã de principal patrocinador do terrorismo e ameaçado "aniquilá-lo").

Foram os seguintes os pontos principais do discurso:

- *Rejeição de acusações de terrorismo.*
  O líder afirmou que o Irã é vítima e não o perpetrador do conflito. Mostrou a foto de Khamenei (assassinado "sem qualquer quadro legal") e imagens de crianças mortas em ataques a uma escola em Minab e a um ginásio esportivo, declarando "*Não somos terroristas... fomos vítimas de ataques covardes*".

- *Defesa e resistência*
  "*Só nos defendemos. Não ajoelhamos, não baixamos a cabeça. Respondemos, mas não atingimos populações civis*." Disse, ainda, que o Irã não atacou outro país ou território nos últimos dois séculos.

- *Programa nuclear*
  Reiterou que o Irã não busca armas nucleares (citando a "fatwa" e a crença religiosa) e rejeitou limitações ao desenvolvimento de uma tecnologia nuclear pacífica. Criticou o "duplo padrão":

  "*A arma nuclear está em Israel, mas os inspetores estão no Irã. Israel mata, mas o Irã está sujeito a sanções*."

- *Palestina e região*
  Descreveu Gaza como "*ferida aberta na consciência da comunidade internacional*" e afirmou que *não haverá paz no Oriente Médio sem justiça para a Palestina*. Criticou as sanções e o bloqueio naval americano.

[1] O vídeo oficial do discurso está disponível no site da ONU [https://gadebate.un.org/en/81/iran-islamic-republic] e no canal da organização no YouTube.

- *Abertura ao diálogo*

  Direcionou uma mensagem a Trump: o Irã está pronto para "*diálogo, diplomacia e negociações sem aceitar a linguagem da força*"; afirmando que a resistência do povo iraniano aumentaria se submetida a mais pressão.

A delegação americana abandonou o plenário no início do discurso. Houve reuniões de bastidores (incluindo contatos entre *Araghchi* e representantes americanos).

Outras atividades e saída

Pezeshkian e a delegação realizaram diversas reuniões bilaterais (Suíça, Iraque, Bangladesh, Noruega, Armênia, Países Baixos, Líbano, Paquistão, Conselho Europeu e o secretário-geral da ONU Antonio Guterres); entrevistas (Fox News, CBS, Al Jazeera); e encontros com a mídia americana, think tanks e a diáspora iraniana.

Em 26 de setembro de 2026, *Pezeshkian* partiu de Nova York de volta a Teerã.

A participação ocorreu sob o tema geral da sessão relacionado a *paz, desenvolvimento e direitos humanos*, em um ambiente diplomático tenso devido ao conflito em andamento.

Reações da ONU

As reações oficiais da ONU ao Irã (especialmente no contexto da participação e do discurso de *Masoud Pezeshkian* na 81ª Assembleia Geral em setembro de 2026) foram predominantemente institucionais, diplomáticas e focadas em uma desescalada da guerra, sem condenações diretas ou endossos polêmicos ao conteúdo do discurso.

A reação institucional principal foi a reunião com António Guterres, Secretário Geral da ONU, que se reuniu com *Pezeshkian* em 25 de setembro de 2026 (à margem da AGNU/UNGA)

Segundo o comunicado oficial da ONU, Guterres enfatizou a necessidade urgente de resolver o conflito no Oriente Médio por meio de diálogos e negociações. Destacou o pleno respeito ao direito internacional, incluindo os direitos e liberdades de navegação internacional no e ao redor do Estreito de Ormuz. Reafirmou, ainda, o compromisso da ONU de apoiar todos os esforços diplomáticos.

A reunião ocorreu quando o Irã apresentava uma proposta de sete dias para cessar hostilidades e reabrir o Estreito de Ormuz (transmitida aos EUA via Qatar). Guterres também mencionou planos de visitar a região e incentivou papéis construtivos de países envolvidos em situações como Líbano e Iêmen. *Pezeshkian*, por sua vez, reforçou a disposição iraniana para o diálogo sem aceitar "intimidação ou coerção" e reiterou o compromisso com o uso pacífico da tecnologia nuclear.

Não houve declaração pública de Guterres criticando ou elogiando especificamente o tom desafiador do discurso de *Pezeshkian* (que acusou EUA e Israel de terrorismo e violações do direito internacional).

Sem um pronunciamento oficial forte sobre o discurso a ONU não emitiu nota condenando ou apoiando as acusações de *Pezeshkian*. O foco institucional permaneceu na promoção da diplomacia e no respeito ao direito internacional, alinhado ao papel tradicional do Secretário Geral.

A presença iraniana (incluindo vistos apenas para a “delegação principal”) foi tratada como exercício do direito de membro fundador, apesar das tensões e restrições americanas como país anfitrião.

Havia relatórios e discussões anteriores na ONU sobre o conflito (incluindo menções a possíveis violações em ataques iniciais), mas nada que constituísse uma “reação coletiva” direta da Assembleia ou do Conselho de Segurança ao discurso específico do líder do Irã.

Reações de Estados-membros

A delegação dos EUA abandonou o plenário no início do discurso de *Pezeshkian*. Relatos indicam que a delegação israelense também boicotou o discurso.

Esses gestos refletem posições nacionais e não uma posição institucional da ONU.

Em síntese, a ONU, por meio de Guterres, adotou uma postura cautelosa e mediadora — priorizando o chamado ao diálogo, o respeito ao direito internacional (especialmente a navegação no Ormuz) e o apoio aos esforços diplomáticos. Não houve confrontação pública com a narrativa iraniana apresentada no discurso, o que é coerente com o papel de facilitador do Secretário-Geral em conflitos sensíveis envolvendo membros permanentes do Conselho de Segurança.

Palestina

A Palestina (o Estado da Palestina) participou, presencialmente através da sua Delegação, da 81ª sessão da Assembleia Geral da ONU (UNGA) em setembro de 2026 como *Estado observador não-membro;* e de forma remota, por meio de discurso pré-gravado do seu presidente *Mahmoud Abbas*.

Status e contexto da participação

A Palestina possui *status* de Estado observador não-membro desde 2012 (resolução 67/19). Isso permite participação em debates da Assembleia Geral, mas sem direito a voto.

Em 2024 e anos seguintes houve avanços em direitos de participação (como sentar-se entre os membros em certas sessões), mas a *plena adesão como membro continua bloqueada pelo veto norte-americano no Conselho de Segurança.*

Para a 81ª sessão, os EUA negaram e revogaram vistos para a delegação palestina (incluindo o do Presidente *Abbas*), pela segunda vez consecutiva. Washington justificou a medida alegando descumprimento de compromissos relacionados aos Acordos de Oslo e outras questões.

Resolução da Assembleia Geral sobre a participação do Estado da Palestina

Em 17/18 de setembro de 2026, a Assembleia Geral adotou a resolução A/RES/81/1 (projeto A/81/L.2) com 152 votos a favor; 3 contra (EUA, Israel e Paraguai) e 4 abstenções (Colômbia, Honduras, Panamá e Peru)

A resolução expressou o pesar pela decisão americana de negar/revogar vistos, pedindo sua reversão imediata, destacando a importância da participação presencial de representantes palestinos nas reuniões da ONU em Nova York.

Autorizou a Palestina a apresentar um discurso pré-gravado do presidente no debate geral da 81ª sessão (exibido no plenário), sem criar precedente para futuros debates.

Permitiu também a participação por videoconferência ou pré-gravação em outras reuniões de alto nível e conferências da ONU, caso a presença física fosse impedida.

Principais pontos do discurso de Mahmoud Abbas (24 de setembro de 2026)

- Criticou a negação de vistos como medida "*ilegal e punitiva*", constituindo violação das obrigações dos EUA como país anfitrião.
- Afirmou que o povo palestino enfrenta um dos momentos mais perigosos de sua história, com políticas israelenses que ameaçam "*a própria vida e a existência*" dos palestinos em sua terra natal.
- Descreveu ações em Gaza e na Cisjordânia como "*guerra genocida*" e "*esquema colonial malicioso*" baseado em discriminação racial, limpeza étnica e terrorismo de Estado.
- Alertou contra "*outra Nakba*" e pediu intervenção urgente do Conselho de Segurança, especialmente contra o projeto do assentamento E1.
- Defendeu a solução dos dois Estados, com a reunificação de Gaza e Cisjordânia (incluindo Jerusalém Oriental) sob "*um Estado, um governo, uma lei e uma autoridade legítima sobre as armas*".
- Mencionou eleições legislativas previstas e a necessidade de uma reforma democrática.
- Encerrou reafirmando: "*Não abandonaremos nossa pátria. Não aceitaremos o deslocamento. Não deixaremos que ninguém decida nosso futuro em nosso nome*."

A participação remota foi semelhante à de 2025. A resolução teve amplo apoio internacional, refletindo solidariedade com a causa palestina e críticas à restrição de vistos.

A Palestina continua com direitos ampliados de participação em diversos órgãos da ONU, mas *a adesão plena como membro permanece pendente*.

Impactos principais da participação da Palestina

1. Impacto simbólico e diplomático

Representou uma forte demonstração de solidariedade internacional com a Palestina e uma crítica coletiva à política de vistos dos EUA. O apoio de 152 países (superior ao de resoluções semelhantes em anos anteriores) reforça o isolamento relativo de Washington e Israel nesta questão. Fortaleceu a narrativa palestina de que as restrições americanas violam o Acordo Sede da ONU ("Headquarters Agreement") e os direitos de um Estado observador. Também serviu como vitória diplomática para a liderança de *Abbas*, permitindo que sua mensagem chegasse ao plenário apesar das barreiras físicas.

2. Impacto prático na participação palestina

A decisão da Assembleia Geral garantiu que a Palestina não fosse silenciada no debate geral de alto nível. O discurso de Abbas (24 de setembro) foi exibido no plenário, após a apresentação por um representante da ONU.

Estendeu a possibilidade de participação remota (vídeo ou videoconferência) a outras reuniões de alto nível e conferências da ONU, caso restrições semelhantes ocorram no futuro.

Não alterou o status formal da Palestina (continua como Estado observador não-membro, sem direito a voto). Tampouco avançou a adesão plena, que depende do *Conselho de Segurança*.

3. *Impacto nas relações EUA-Palestina e EUA-ONU*

Houve um aumento da tensão entre a Assembleia Geral e o país anfitrião. A resolução questiona explicitamente o cumprimento americano de obrigações como sede da ONU.

Os EUA mantiveram a posição de que as restrições se justificam por alegado descumprimento de compromissos pela Autoridade Palestina/OLP. A medida não reverteu a política de vistos, mas elevou o custo político e diplomático dessa abordagem.

Reforçou debates sobre a independência da ONU em relação ao país anfitrião, especialmente em contextos de conflito envolvendo aliados próximos de Washington.

4. *Impacto no conflito israelense-palestino e no sistema internacional*

Contribuiu para manter a questão palestina em evidência no momento de alta tensão regional (incluindo a guerra em Gaza e a expansão de assentamentos).

Enviou sinal de que a maioria dos Estados-membros continua priorizando a solução de dois Estados e a legitimidade da representação palestina, apesar de obstáculos práticos.

Teve efeito limitado em mudanças concretas no terreno: não influenciou diretamente negociações de paz, cessar-fogo ou status jurídico. Seu valor é mais político e de "soft power" do que coercitivo (*resoluções da Assembleia Geral não são vinculantes*).

Limitações e contexto

A resolução da Assembleia Geral relativa à participação da Palestina foi de natureza procedimental e de curto prazo. Ela resolveu o problema imediato da participação em 2026, mas não resolveu a questão estrutural do acesso à sede da ONU nem elevou o status da Palestina.

O padrão se repete pelo segundo ano consecutivo, o que indica que *a Assembleia Geral está institucionalizando mecanismos de contingência diante de restrições norte-americanas*.

Países que se abstiveram (especialmente na América Latina) refletem cálculos diplomáticos próprios, incluindo relações com Israel e os EUA.

Em síntese, a resolução da Assembleia Geral (/RES/81/1) teve impacto significativo no plano simbólico e diplomático — consolidando apoio multilateral à Palestina e pressionando os EUA — mas efeitos práticos limitados sobre o status formal da Palestina ou a dinâmica do conflito. Ela ilustra tanto a força da Assembleia Geral em expressar a vontade da maioria quanto os limites de suas resoluções quando confrontadas com o poder de um membro permanente e anfitrião da organização. A representação presencial ficou a cargo principalmente do Observador Permanente da Palestina na ONU, Riyad Mansour, e eventualmente de outros membros da missão que obtiveram acesso. Abbas discursou por vídeo pré-gravado e participou de forma virtual em alguns eventos de alto nível.

Principais atividades e encontros

Abbas participou por vídeo em uma *reunião de alto nível* intitulada "*The Road Ahead: One Year After the New York Declaration and the Comprehensive 20-Point Peace Plan*" (23 de setembro), convocada por *Arábia Saudita, França, Reino Unido e Canadá.*

Participaram dessa reunião o Secretário-Geral António Guterres e líderes/ministros de vários países (incluindo Espanha, Catar, Egito, Jordânia, Noruega, Irlanda, Finlândia, Paquistão, Países Baixos, Turquia e o *Alto Representante do Board of Peace* para Gaza).

Abbas agradeceu o convite e enfatizou a necessidade de avançar na implementação do *plano de paz*, com a *retirada israelense de Gaza, a reconstrução e o horizonte político para o Estado palestino.*

Encontros bilaterais (via Riyad Mansour e missão palestina)

- Malásia. O ministro das Relações Exteriores da Malásia reuniu-se com *Riyad Mansour* às margens da UNGA81. O encontro reafirmou o apoio malásio ao direito de autodeterminação do povo palestino e à criação de um Estado soberano.
- Paquistão. O vice-primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores *Ishaq Dar* encontrou-se com *Mansour* na sede da ONU. *Dar* reiterou o apoio paquistanês à causa palestina, ao direito de autodeterminação e a um Estado independente, contínuo e soberano, e prometeu continuar elevando a questão em fóruns internacionais.

Eventos laterais (side events):

- Participação em *evento ministerial organizado pela UE e Irlanda* sobre "Diplomacia Humanitária que Protege o Direito Internacional Humanitário".
- Envolvimento na *reunião ministerial da "Global Alliance for the Implementation of the Two-State Solution"* (cerca de 100 Estados e organizações, com menção ao primeiro-ministro palestino e ao Alto Representante do "Board of Peace" para Gaza).
- Outras reuniões e eventos sobre a situação em Gaza, assistência humanitária, refugiados (com a Agência da ONU para refugiados, UNRWA) e violações no território palestino ocupado.

Contexto e limitações

A ausência física de *Abbas* e da maior parte da *delegação de alto nível* reduziu significativamente a capacidade de realizar uma agenda tradicional de bilaterais densos (como costuma ocorrer com outros líderes presentes). A diplomacia palestina concentrou-se em:

- Manter a visibilidade da causa por meio do discurso no debate geral e de eventos multilaterais.
- Fortalecer o apoio de países árabes, islâmicos, europeus e do Sul Global via a missão permanente em Nova York.
- Enfatizar a solução de dois Estados, a reunificação de Gaza e Cisjordânia, e a rejeição a deslocamentos forçados.

Em síntese, *os encontros bilaterais da Palestina na UNGA 2026 foram predominantemente conduzidos pelo Observador Permanente Riyad Mansour e tiveram caráter de reafirmação de solidariedade e coordenação política, enquanto Abbas manteve presença virtual em eventos-chave de alto nível relacionados ao processo de paz.*

*As estratégias diplomáticas da missão permanente da Palestina na O**NU** (liderada pelo Observador Permanente Riyad Mansour) na UNGA 2026 e no período recente combinam resiliência diante de restrições impostas pelos EUA, maximização do multilateralismo e pressão constante pela solução de dois Estados.*

As principais estratégias foram:

1. Superação de restrições de acesso e manutenção da presença da delegação.

Diante da negação de vistos a Mahmoud Abbas e a grande parte da delegação de alto nível (pelo segundo ano consecutivo), a missão priorizou a participação virtual e híbrida.

Trabalhou ativamente pela aprovação da resolução A/RES/81/1, que autorizou o discurso pré-gravado de Abbas e a participação remota em outros eventos de alto nível.

Manteve a missão permanente plenamente operacional em Nova York, permitindo que Mansour e a equipe presente realizassem encontros bilaterais, eventos laterais e intervenções no plenário e no Conselho de Segurança.

2. Multilateralismo e construção de alianças amplas

Foi dada prioridade ao Sul Global, mundo árabe/islâmico e Europa progressista, com encontros bilaterais com ministros (ex.: Malásia, Paquistão) e participação em reuniões da "*Global Alliance for the Implementation of the Two-State Solution*", *Liga Árabe*, OIC e eventos da UE.

Foi feito uso intensivo de fóruns laterais ("side events") sobre humanitarismo, direito internacional humanitário, UNRWA (refugiados) e proteção de civis para manter a visibilidade da causa.

Foi dada ênfase na *solidariedade coletiva*, com uma comparação recorrente com o caminho da África do Sul contra o "apartheid" ("*começamos com poucos e vamos somando apoio até tornar a posição isolacionista insustentável*").

3. Narrativa centrada no direito internacional e na solução de dois Estados

Foi dada uma mensagem consistente: a Palestina não é um "arquivo adiado"; e *sua independência é condição para a estabilidade regional*.

Foi feita uma defesa intransigente da *solução de dois Estados* com base nas resoluções da ONU de 1967, com a reunificação de Gaza e Cisjordânia sob uma única autoridade legítima, e rejeição à anexação, ao deslocamento forçado e a "*fatos consumados*" no terreno.

Foram utilizadas resoluções existentes (especialmente a 2803 do Conselho de Segurança e a "New York Declaration" da ONU) e opiniões consultivas da **Corte Internacional de Justiça (**CIJ[2]) para exigir implementação concreta, e não apenas declarações.

Foram feitos chamados ao "tough love"[3] de parceiros europeus e ocidentais; com pressão por medidas práticas (sanções, desinvestimento, embargo de armas), quando o diálogo sozinho não produz resultados.

---

[2] **Corte Internacional de Justiça (CIJ)**, também conhecida como Corte Mundial ou Tribunal de Haia, é o principal órgão judicial da Organização das Nações Unidas (ONU).

[3] O conceito de "tough love" (amor duro ou afeto severo) **na diplomacia internacional** refere-se a uma estratégia em que um país adota uma *postura rígida, pragmática e de forte pressão* contra uma nação aliada ou parceira histórica, com o objetivo de forçá-la a mudar comportamentos autodestrutivos ou contrários aos interesses mútuos. O *tough love* é o contrário da diplomacia hostil usada contra inimigos tradicionais.

4. Diplomacia jurídica e de "accountability"

Foi dada continuidade no uso de mecanismos internacionais (CIJ, TPI, Assembleia Geral) para "*internacionalizar*" a questão palestina e *criar custos políticos e legais para a ocupação e políticas israelenses*. Foi dada ênfase à *proteção internacional dos palestinos* e na *responsabilização por violações do direito internacional humanitário e dos direitos humanos*.

5. Gestão pragmática da relação com os EUA e planos de paz

Foi formalizada uma crítica aberta às restrições de visto como *violação do Acordo de Sede*, sem fechar a porta ao engajamento.

Houve acolhimento condicional de elementos do plano de 20 pontos de Trump e da Resolução 2803, **desde que** levem ao cessar-fogo permanente, à retirada israelense, à reconstrução e a um horizonte político claro para o Estado palestino.

Houve *rejeição de qualquer rearranjo que separe Gaza da Cisjordânia ou legitime deslocamentos*.

Características gerais da abordagem

Houve persistência e profissionalismo. *Mansour*, com longa experiência, *equilibra denúncia firme com linguagem diplomática e busca de consensos amplos*.

O foco foi em resultados práticos, não se contentando apenas com resoluções simbólicas; *pressionando por implementação, proteção e reconhecimento crescente*.

Ficou demonstrada uma resiliência estrutural. A missão operou como o principal canal diplomático da Palestina em Nova York, compensando a ausência física de líderes de alto nível com presença constante, trabalho em rede ("networking") e narrativa coerente.

Em síntese, a estratégia da missão palestina combina defesa jurídica do status e dos direitos; maximização do espaço multilateral apesar de obstáculos físicos; ampliação de alianças; e insistência na implementação concreta da solução de dois Estados. Trata-se de uma diplomacia de longo prazo, adaptativa e orientada a transformar isolamento relativo em pressão coletiva crescente.

Liga Árabe [http://www.leagueofarabstates.net/ar/Pages/default.aspx]

O papel da Liga Árabe (*Liga dos Estados Árabes*) na ONU é de coordenação política, *defesa coletiva de interesses regionais e promoção de posições comuns, especialmente em questões de segurança, paz e a causa palestina*. A organização, fundada em 1945, possui *status de observador na Assembleia Geral desde 1950* e mantém uma missão permanente em Nova York.

Principais mecanismos de atuação

O Grupo Árabe ("Arab Group") é formado pelos embaixadores dos 22 Estados-membros mais a *Palestina*. Reúne-se regularmente para coordenar posições, redigir resoluções, negociar textos e definir estratégias de voto. A presidência do grupo rotaciona mensalmente.

A missão permanente da Liga Árabe é apoiar o Grupo Árabe, articular com o Secretariado da ONU e facilitar a implementação de decisões de cúpula e ministeriais árabes.

Quando um país árabe ocupa assento não permanente no Conselho de Segurança, atua como "ponta de lança" na negociação de resoluções e na defesa de posições regionais.

A cooperação institucional ONU–Liga Árabe é regulada por resoluções periódicas da *Assembleia Geral*. Inclui reuniões setoriais, intercâmbio de pessoal, consultas sobre crises regionais e apoio a esforços de mediação (Síria, Iêmen, Líbia, Sudão, Líbano etc.).

Prioridades e áreas de atuação da Liga Árabe

1. Causa Palestina (prioridade central e histórica)

A Liga trata a *questão palestina* como "*causa central*" do mundo árabe. Coordena resoluções anuais sobre ocupação, assentamentos, Jerusalém, refugiados (UNRWA) e solução de dois Estados.

Na UNGA 2026, a Liga saudou a resolução A/RES/81/1 que permitiu a participação remota da Palestina e criticou as restrições de visto dos EUA como violação do Acordo de Sede. *Apoia o reconhecimento do Estado da Palestina, a reunificação de Gaza e Cisjordânia e rejeita a anexação e o deslocamento forçado.*

2. Crises regionais

A Liga Árabe atua em coordenação com enviados especiais da ONU na Síria, Iêmen, Líbia, Sudão e Líbano, buscando *soluções políticas e* ***apoio humanitário***.

3. Temas transversais

Desenvolvimento, mudança climática, combate ao terrorismo, segurança alimentar e cooperação econômico-social.

Características de sua atuação

Existe uma alta coesão em votos. O *Grupo Árabe é um dos blocos mais coesos da Assembleia Geral*, especialmente em resoluções sobre *Oriente Médio e Palestina*.

Realiza parcerias ampliadas, coordenando-se frequentemente com a *Organização da Cooperação Islâmica (OIC), Movimento dos Não Alinhados (NAM), União Africana e, em alguns casos, com a União Europeia.*

Utiliza a diplomacia de pressão e o instrumento de legitimação. Através da ONU busca internacionalizar questões árabes, obter resoluções de condenação, solicitar opiniões consultivas da CIJ e pressionar por "accountability".

A eficácia de sua atuação depende do consenso interno entre os membros (que nem sempre existe) e da realidade do veto no Conselho de Segurança. *A Liga não possui poder coercitivo próprio e depende da vontade política dos Estados membros e do apoio de outras potências*.

Participação da Liga Árabe na UNGA 2026

O Secretário-Geral da Liga, *Nabil Fahmy*, reuniu-se com o Secretário-Geral da ONU, António Guterres, à margem da sessão de alto nível. O Grupo Árabe manteve *posição firme em defesa da participação* ***palestina****, da solução de dois Estados e contra políticas de anexação e restrições de acesso à sede da ONU.*

Em síntese, a Liga Árabe funciona como o principal instrumento de coordenação política árabe no sistema das Nações Unidas. Seu papel mais visível e consistente é a defesa da causa palestina e a tentativa de traduzir decisões regionais em resoluções e pressão multilateral, apesar das divisões internas e dos limites estruturais do Conselho de Segurança.

Considerações finais

Apresenta-se aqui a resenha das notícias sobre a participação do Irã, da Palestina e da Liga Árabe na 81ª UNGA.

A Liga Árabe e as Nações Unidas discutem a situação em Gaza e na Cisjordânia ocupada (22 de setembro de 2026)

O secretário-geral da Liga Árabe, Nabil Fahmy, discutiu com o secretário-geral da ONU, António Guterres, a perigosa escalada na região, em particular a tragédia humanitária na Faixa de Gaza e as crescentes violações sionistas na Cisjordânia ocupada, incluindo Jerusalém, informou ontem a agência de notícias palestina Wafa.

Durante sua participação no segmento de alto nível da 81ª sessão da Assembleia Geral da ONU, *Fahmy* enfatizou a necessidade de obrigar a entidade sionista a respeitar o direito internacional e o direito internacional humanitário. Ele também afirmou que o amplo reconhecimento internacional da Palestina exige a implementação de medidas executivas destinadas a pôr fim à ocupação e a estabelecer um Estado palestino independente dentro das fronteiras de 4 de junho de 1967, com Jerusalém como sua capital, acrescentou a Wafa.

À medida que o debate de alto nível entra em seu quarto dia, o "The Takeaway" relembra os principais destaques de quinta-feira, com líderes israelenses e palestinos apresentando visões divergentes sobre o conflito no Oriente Médio e seus homólogos de todo o mundo analisando os impactos de longo alcance da crise em curso em Gaza e na Cisjordânia ocupada.

Por que isso importa

O conflito israelo-palestino dominou o terceiro dia do debate anual da Assembleia Geral, com líderes alertando que ele afeta a segurança alimentar e energética global.

O presidente palestino, Mahmoud Abbas, falando por vídeo pré-gravado após sua delegação ter tido os vistos negados, alertou que o conflito ameaça "a própria existência do povo palestino".

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, defendeu os colonos israelenses na Cisjordânia ocupada e disse que Israel foi compelido a revidar após os ataques terroristas liderados pelo Hamas em 7 de outubro de 2023.

Versões divergentes evidenciam profundas divisões

Os líderes israelenses e palestinos apresentaram versões bastante diferentes do conflito e de suas causas.

O Sr. Abbas descreveu a guerra em Gaza como uma "guerra genocida" que criou uma tragédia humana sem precedentes. Ele pediu a reunificação da Faixa de Gaza e da Cisjordânia ocupada; alertou contra a possibilidade de "outra 'Nakba'", referindo-se ao deslocamento em massa permanente de palestinos durante a guerra árabe-israelense de 1948.

O Sr. Netanyahu acusou a imprensa internacional e as mídias sociais de ignorarem os ataques palestinos e rejeitou as descrições da violência dos colonos israelenses. Ele também defendeu os ataques de Israel contra as instalações nucleares do Irã, argumentando que eram necessários para a sobrevivência do país.

Liga Árabe saúda decisão da Assembleia Geral da ONU sobre a participação da Palestina na 81ª sessão (18 de setembro de 2026)

Em comunicado divulgado hoje, o Secretariado-Geral da Liga Árabe considerou a votação um reflexo de uma ampla posição internacional que rejeita a negação do direito do Estado da Palestina de expressar sua voz e suas posições à comunidade internacional. Ressaltou também a importância de garantir a participação do Estado da Palestina nos trabalhos da ONU e em fóruns internacionais.

O comunicado elogiou os países que patrocinaram e votaram a favor da resolução, enfatizando a importância de os Estados Unidos, como país anfitrião, cumprirem suas obrigações nos termos do Acordo da Sede da ONU. Observou ainda que a voz palestina permanecerá presente em todas as instâncias.

Presidente iraniano acusa EUA e Israel de violarem o direito internacional na ONU

Teerã está 'pronta para o diálogo, a diplomacia e as negociações, sem aceitar a linguagem da força', disse *Masoud Pezeshkian* em seu discurso aos líderes mundiais.

As ameaças de Washington só irão unir o Irã, e o país não se renderá na guerra contra os Estados Unidos, mas está disposto a explorar uma solução diplomática para o conflito. Assim afirmou o presidente iraniano, *Masoud Pezeshkian*, em um discurso desafiador na Assembleia Geral da ONU, um dia após o presidente Donald Trump ameaçar "aniquilar" Teerã caso um acordo de paz não fosse alcançado, em seu próprio discurso aos líderes mundiais na terça-feira. O representante de Teerã acusou Washington e Israel de agirem "contra o direito internacional" ao atacarem infraestrutura civil no Irã, em um discurso ilustrado com fotos de crianças mortas no bombardeio da escola de *Minab* no início da guerra.

Foi a primeira vez que um líder de um país em guerra com os Estados Unidos discursou na Assembleia Geral das Nações Unidas, sede da ONU.

Referências

1. UNITED NATIONS. **Charter of the United Nations and Statute of the International Court of Justice**. Lake Success, NY: United Nations, 1945. Disponível em: https://treaties.un.org/doc/Publication/UNTS/Volume%2011/volume-11-I-147-English.pdf. Acesso em: 29 set. 2026.
2. UNITED NATIONS. **General Debate of the United Nations General Assembly**. New York: United Nations, [s.d.]. Disponível em: https://gadebate.un.org/en. Acesso em: 29 set. 2026.
3. UNITED NATIONS. **United Nations**. New York: United Nations, [s.d.]. Disponível em: https://www.un.org/en. Acesso em: 29 set. 2026.
4. UNITED NATIONS. **General Assembly Meetings**. New York: United Nations, [s.d.]. Disponível em: https://www.un.org/en/ga/meetings/. Acesso em: 29 set. 2026.
5. UNITED NATIONS. **81st Session of the General Assembly: Meetings**. New York: United Nations, 2026. Disponível em: https://www.un.org/en/ga/81/meetings/. Acesso em: 29 set. 2026.
6. UNITED NATIONS. **United Nations General Assembly**. New York: United Nations, [s.d.]. Disponível em: https://www.un.org/en/ga/. Acesso em: 29 set. 2026.

7. UNITED NATIONS. **Sessions of the General Assembly**. New York: United Nations, [s.d.]. Disponível em: https://www.un.org/en/ga/sessions/. Acesso em: 29 set. 2026.

8. UNITED NATIONS. **Main Committees of the General Assembly**. New York: United Nations, [s.d.]. Disponível em: https://www.un.org/en/ga/maincommittees/index.shtml. Acesso em: 29 set. 2026.

9. UNITED NATIONS. **General Assembly News**. New York: United Nations, [s.d.]. Disponível em: https://www.un.org/en/ga/news/. Acesso em: 29 set. 2026.

10. ISLAMIC REPUBLIC OF IRAN. **Statement delivered during the General Debate of the 81st Session of the United Nations General Assembly**. New York: United Nations, 2026. Disponível em: https://gadebate.un.org/en/81/iran-islamic-republic. Acesso em: 29 set. 2026.

11. STATE OF PALESTINE. **Statement delivered during the General Debate of the 81st Session of the United Nations General Assembly**. New York: United Nations, 2026. Disponível em: https://gadebate.un.org/en/81/palestine-state. Acesso em: 29 set. 2026.

12. UNITED NATIONS. **High-Level Week 2026**. New York: United Nations, 2026. Disponível em: https://www.un.org/en/high-level-week-2026. Acesso em: 29 set. 2026.

13. UNITED NATIONS. **High-Level Meeting of the General Assembly on Nuclear Disarmament**. New York: United Nations, 2013. Disponível em: https://www.un.org/en/ga/68/meetings/nucleardisarmament/. Acesso em: 29 set. 2026.

14. UNITED NATIONS. **General Assembly Press Releases**. New York: United Nations, [s.d.]. Disponível em: https://press.un.org/en/content/general-assembly/press-release. Acesso em: 29 set. 2026.

15. UNITED NATIONS. **Peacekeeping**. New York: United Nations, [s.d.]. Disponível em: https://press.un.org/en/peacekeeping. Acesso em: 29 set. 2026.

16. LA VOIE D'ALGÉRIE. **La Ligue arabe et les Nations unies discutent de la situation à Ghaza et en Cisjordanie occupée**. Alger, 2026. Disponível em: https://lavoiedalgerie.dz/la-ligue-arabe-et-les-nations-unies-discutent-de-la-situation-a-ghaza-et-en-cisjordanie-occupee/2026/22/00/. Acesso em: 29 set. 2026.

17. HUMAN RIGHTS LEARNING AND RESEARCH CENTRE (HRLRC). **81st UN General Assembly High-Level Week Timeline in New York: World Leaders Gather from September 18-28, 2026**. 24 set. 2026. Disponível em: https://hrlrc.org/2026/09/24/81st-un-general-assembly-high-level-week-timeline-in-new-york-world-leaders-gather-from-september-18-28-2026/. Acesso em: 29 set. 2026.

18. HUMAN RIGHTS LEARNING AND RESEARCH CENTRE (HRLRC). **Palestine**. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: https://hrlrc.org/?s=Palestine. Acesso em: 29 set. 2026.

19. UNITED NATIONS NEWS. **[Título da matéria correspondente ao identificador 1168434]**. New York: United Nations News, 2026. Disponível em: https://news.un.org/en/story/2026/09/1168434. Acesso em: 29 set. 2026.

20. AYESTARAN, Mikel. **Iranian President accuses US and Israel of violating international law at the UN**. Madrid: *El País*, 23 set. 2026. Disponível em: https://english.elpais.com/international/2026-09-23/iranian-president-accuses-us-and-israel-of-violating-international-law-at-the-un.html. Acesso em: 29 set. 2026.

Comunicados e Vacinados

Comunicados y vacunados

Communicated and Vaccinated

André Costa Lobato, Claudio Brandão e Victor Lenzi

Resumo: Olhamos para os dois documentos publicados pela Casa Branca e pelo MRE Chinês, após visita de Xi a Trump em Washington. Nos textos, dois novos pandas chegaram no Zoológico de Atlanta, um diálogo em AI foi combinado, apoio ao G20 Miami e APEC Shenzhen confirmados, alívio tarifário e mecanismo comercial entraram na pauta. Os textos divergem em tom, com o da Casa Branca mais exaltado e imperativo, indicado ações na governança interna chinesa. O tema mais esperado, se haverá um diálogo bilateral sobre IA já contrasta com a visão mais multilateral chinesa com a expectativa dos EUA de uma linha vermelha para evitar ruídos. Em Pequim, aa 27ª Assembleia Geral Anual da Rede de Fabricantes de Vacinas de Países em Desenvolvimento (DCVMN) reuniu mais de 40 fabricantes de 17 países para discutir produção regional, financiamento, cooperação regulatória e acesso equitativo a vacinas. Durante o encontro, o Ministério da Saúde, a Fiocruz/Bio-Manguinhos, o Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) e a International Finance Corporation (IFC) apresentaram a investidores internacionais a Parceria Público-Privada do Complexo Industrial de Biotecnologia em Saúde (CIBS), plataforma de processamento final de vacinas e biofármacos no Rio de Janeiro, com investimento estimado de US$ 1,4 bilhão.

Palavras-chave: China-USA; IA; Produção de Vacinas.

Resumen: *Analizamos los dos documentos publicados por la Casa Blanca y el Ministerio de Asuntos Exteriores de China tras la visita de Xi a Trump en Washington. Los textos recogen la llegada de dos nuevos pandas al Zoológico de Atlanta, el acuerdo para establecer un diálogo sobre IA, la confirmación del apoyo a las cumbres del G20 en Miami y de la APEC en Shenzhen, así como la inclusión en la agenda de medidas de alivio arancelario y mecanismos comerciales. Los textos difieren en cuanto al tono: el de la Casa Blanca es más enfático e imperativo, señalando acciones relativas a la gobernanza interna de China. El tema más esperado —la posibilidad de un diálogo bilateral sobre IA— contrasta la visión más multilateral de China con la expectativa de EE. UU. de establecer una "línea roja" para evitar fricciones. Por otro lado, en Pekín, la 27.ª Asamblea General Anual de la Red de Fabricantes de Vacunas de Países en Desarrollo (DCVMN) reunió a más de 40 fabricantes de 17 países para debatir sobre producción regional, financiación, cooperación regulatoria y acceso equitativo a las vacunas. Durante el encuentro, el Ministerio de Salud, Fiocruz/Bio-Manguinhos, el Programa de Asociaciones de Inversión (PPI) y la Corporación Financiera Internacional (IFC) presentaron a inversores internacionales la asociación público-privada para el Complejo Industrial de Biotecnología en Salud (CIBS), una plataforma de procesamiento final de vacunas y biofármacos ubicada en Río de Janeiro, con una inversión estimada de 1400 millones de dólares.*

Palabras clave: *China-EE. UU.; IA; producción de vacunas.*

Summary. *We look at the two documents published by the White House and the Chinese Foreign Ministry, after Xi's visit to Trump in Washington. In the texts, two new pandas arrived at Zoo*

Atlanta, a dialogue on AI was arranged, support for the G20 Miami and APEC Shenzhen confirmed, tariff relief and trade mechanism were on the agenda. The texts diverge in tone, with the White House's more exalted and imperative, indicating actions in Chinese internal governance. The most anticipated topic, whether there will be a bilateral dialogue on AI, already contrasts with the more multilateral Chinese view with the US expectation of a red line to avoid noise. In Beijing, the 27th Annual General Meeting of the Developing Countries Vaccine Manufacturers Network (DCVMN) brought together more than 40 manufacturers from 17 countries to discuss regional production, financing, regulatory cooperation, and equitable access to vaccines. During the meeting, the Ministry of Health, Fiocruz/Bio-Manguinhos, the Investment Partnerships Program (PPI) and the International Finance Corporation (IFC) presented to international investors the Public-Private Partnership of the Industrial Complex of Biotechnology in Health (CIBS), a platform for the final processing of vaccines and biopharmaceuticals in Rio de Janeiro, with an estimated investment of US$ 1.4 billion.

Keywords: *US-China; AI; Vaccine Production.*

Diplomacia

Xi visita Trump

A Casa Branca e o MRE Chinês divulgaram, cada, um documento sobre os resultados da visita de três dias de Xi Jinping a Trump. Pelos títulos, já se sabe quem publicou qual: "Fact Sheet: President Donald J. Trump Advances a Fair and Reciprocal Relantionship with China While Hosting Historic State Visit"[1] e o "China and the United States Reach Eight Deliverables and Understandings"[2]. Xi reciproca a visita de Trump em maio a Pequim. No total, os dois se encontraram oito vezes.



Cai Qi, Wang Yi, He Lifeng, Xi Jinping, Donald Trump, JD Vance, Marco Rubio e Scott Bessent

Embora não usem necessariamente a mesma nomenclatura, possuem um núcleo central comum: tratam da construção de uma relação de "estabilidade estratégica" baseada em respeito, justiça e reciprocidade, o apoio mútuo nas cúpulas do G20 (Miami, 14/15 novembro) e do APEC (Shenzhen, 18/19 novembro), a proibição de armas nucleares ao Irã e de pedágios em vias navegáveis, a redução tarifária recíproca de US$ 30 bilhões, a cooperação

[1] Fact Sheet: President Donald J. Trump Advances a Fair and Reciprocal Relationship with China While Hosting Historic State Visit — Pesquisa Google. https://www.whitehouse.gov/fact-sheets/2026/09/fact-sheet-president-donald-j-trump-advances-a-fair-and-reciprocal-relationship-with-china-while-hosting-historic-state-visit/ (accessed 29 Sept2026).

[2] China and the United States Reach Eight Deliverables and Understandings_Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China. https://www.fmprc.gov.cn/eng/xw/zyxw/202609/t20260926_12031663.html (accessed 29 Sept2026).

antidrogas, o diálogo sobre inteligência artificial (novembro) e a chegada dos pandas a Atlanta.

A última vez que Xi Jinping fez visita de Estado aos EUA foi em 2015, quando discursou na Assembleia Geral e depois fez visita de Estado a Barack Obama. Na ocasião, ele lançou o termo "comunidade de destino compartilhado". Outras aparições de Xi foram virtuais, em 2020 e 2021.

Embora os anfitriões tenham personalidades distintas, os problemas bilaterais a serem resolvidos não mudaram tanto. Ficaram mais evidentes. No entremeio, porém, Xi consolidou a Rota da Seda como uma instituição global – reconectando a memória antiga com a globalização atual –, ampliou sua marinha e demonstrou grande folego na competição pelos mercados de alto valor agregado.

A Casa Branca e o Ministério das Relações Exteriores (MRE) chinês divulgaram, cada um, um documento sobre os resultados da visita de três dias de Xi Jinping a Donald Trump. Pelos títulos, já se sabe quem publicou qual: o americano, "Fact Sheet: President Donald J. Trump Advances a Fair and Reciprocal Relationship with China While Hosting Historic State Visit", e o chinês, "China and the United States Reach Eight Deliverables and Understandings". Xi retribui a visita de Trump a Pequim, em maio. No total, os dois líderes já se encontraram oito vezes.



Figura 1. *Página do Zoológico de Atlanta, comemorando a chegada dos Pandas*

Embora não utilizem necessariamente a mesma nomenclatura, os documentos possuem um núcleo central comum: tratam da construção de uma relação de "estabilidade estratégica" baseada em respeito, justiça e reciprocidade; do apoio mútuo nas cúpulas do G20, em Miami (14 e 15 de novembro), e da APEC, em Shenzhen (18 e 19 de novembro); da proibição de armas nucleares ao Irã e de pedágios em vias navegáveis; da redução tarifária recíproca de US$ 30 bilhões; da cooperação antidrogas e do diálogo sobre inteligência artificial, previsto para novembro; e da chegada dos pandas a Atlanta.

A última vez que Xi Jinping fez uma visita de Estado aos Estados Unidos foi em 2015, quando, após discursar na Assembleia Geral da ONU, realizou uma visita de Estado a Barack Obama. Na ocasião, lançou o termo "comunidade de destino compartilhado". Outras aparições de Xi ocorreram virtualmente, em 2020 e 2021.

Embora os anfitriões tenham personalidades distintas, os problemas bilaterais a serem resolvidos não mudaram tanto. Tornaram-se, porém, mais evidentes. Nesse intervalo, Xi consolidou a Rota da Seda como uma instituição global — reconectando uma memória antiga à globalização contemporânea —, ampliou sua marinha e demonstrou grande fôlego na competição por mercados de alto valor agregado.

Olhando para os dois textos de 2026, percebe-se que eles compartilham temas, mas apresentam divergências de conteúdo e de enquadramento. Os Estados Unidos utilizam o documento para listar conquistas concretas e detalhadas, voltadas sobretudo ao público doméstico, incluindo compromissos ausentes do texto chinês, como as importações de carvão, a criação do Board of Investment, as terras raras, o petróleo refinado e as negociações trilaterais de controle de armas. A China, por sua vez, acrescenta itens que reforçam a simetria entre as

partes, como o memorando militar sobre prevenção de crises e a continuidade das buscas por restos mortais de militares americanos.

As diferenças de narrativa nos temas compartilhados são igualmente reveladoras. Washington enfatiza tomadas de posição unilaterais e exigências, como a pressão pela aplicação de penas máximas, incluindo a pena de morte, em casos de tráfico de drogas, e a adoção do termo "superintelligence" em vez de "inteligência artificial" — expressão que Pequim simplesmente ignora em seu comunicado. A versão chinesa, por sua vez, apresenta os mesmos resultados como fruto de uma cooperação bilateral equilibrada.

Além dos pandas, um dos trechos de maior similaridade é o relativo à Segunda Guerra Mundial. Nele, "os dois líderes reconhecem que os Estados Unidos e a China foram aliados na Segunda Guerra Mundial (IIGM) e lutaram lado a lado para vencer a guerra". O texto americano, entretanto, afirma logo em seguida que a "presença militar avançada dos Estados Unidos tem preservado um Indo-Pacífico livre e aberto". Indo-Pacífico pode ser entendi como um pleonasmo geopolítico para Taiwan, que não foi mencionada.

O quanto cada detalhe revela ou não a capacidade de execução de cada governante e as vantagens estratégicas de cada estilo diplomático em se obter o que de fato o que se quer e, não necessariamente, do que está sendo dito? A carta de Trump deve ser vista como um blefe ou uma demonstração de poder real? Deve ser vista como um documento diplomático relevante ou um texto circunscrito às primárias e a oscilação eleitoral estadunidense? Como, na prática, cada lado interpretará a reprimenda ao Irã (uma lei internacional que deve ser obrigatória a todos ou apenas uma expiação política para objetivos imediatos?), a democratização vs militarização do diálogo sobre IA ou a coordenação entre investimentos monetários diretos, comércio e energia (ou a gestão dos petrodólares)?

A Governança da Inteligência Artificial na Cúpula Washington-Pequim (2026)

As tratativas bilaterais sobre a governança das tecnologias emergentes entre os Estados Unidos e a República Popular da China tiveram desdobramentos relevantes durante a cúpula promovida em Washington em setembro de 2026.[3] Antecedendo o encontro presidencial, a equipe econômica norte-americana, liderada pelo Secretário do Tesouro Scott Bessent e pelo Representante de Comércio Jamieson Greer, manteve conversações de alto nível em Nova Iorque com o Vice-Premiê chinês He Lifeng. Na ocasião, a representação de Washington formalizou a proposta de criação de um mecanismo de notificação prévia (*notification mechanism*) voltado para a comunicação de incidentes de segurança nacional relacionados à inteligência artificial. Tal iniciativa, desenhada para operacionalizar o *Board of Trade* bilateral, busca estabelecer um canal mínimo de previsibilidade entre as duas maiores potências do setor. Na sequência dessas reuniões técnicas, foram avançadas articulações para o prosseguimento dos diálogos setoriais, incluindo propostas de encontros de trabalho em Shenzhen para dar continuidade à agenda de transações comerciais e tecnológicas.[4]

No plano diplomático, observou-se uma assimetria substancial no volume e no detalhamento das informações divulgadas sobre os debates conduzidos a portas fechadas na

[3] https://english.news.cn/20260925/2bc5b67308cf449696d7f83224dc6f68/c.html

[4] https://abcnews.com/Technology/wireStory/bessent-us-proposes-ai-incident-alert-system-talks-136609079

Casa Branca: enquanto os órgãos oficiais norte-americanos mantiveram um relato reservado e focado em declarações gerais de intenção, o Ministério das Relações Exteriores da China (MFA) publicou informes diplomáticos detalhados acerca dos tópicos abordados pelos chefes de Estado.[5]

A análise comparativa do acervo documental revela uma importante distinção entre o comunicado oficial do governo chinês e os discursos do chefe de Estado. O comunicado institucional enfatiza uma postura pragmática de diálogo contínuo, estabilidade estratégica e gestão responsável das divergências econômicas. Contudo, a linguagem normativa mais incisiva e prescritiva quanto aos rumos éticos da tecnologia originou-se diretamente das intervenções pessoais do Presidente Xi Jinping. Em seus pronunciamentos, Xi reiterou categoricamente que o avanço tecnológico deve permanecer estritamente "sob controle humano", prevenindo o uso indevido e o abuso da IA, além de assegurar o direcionamento da infraestrutura digital "para o bem" e a serviço da humanidade.[3]

A orientação estratégica dos Estados Unidos encontrou expressão inequívoca na intervenção do Presidente Donald Trump perante a Assembleia Geral das Nações Unidas. Em seu discurso, Trump declarou expressamente que *"os Estados Unidos rejeitam totalmente qualquer tentativa de construir um esquema globalista de controle"* sobre a tecnologia (*"The United States totally rejects any attempt to construct a globalist scheme of control"*). Na mesma ocasião, o mandatário oficializou a substituição terminológica da inteligência artificial pelo conceito de "Super Inteligência" (SI) na documentação governamental, argumentando que o adjetivo "artificial" transparece inautenticidade.[6]

A doutrina enunciada por Washington rejeita explicitamente a imposição de marcos regulatórios internacionais ou restrições multilaterais que possam desacelerar a inovação doméstica, enquadrando a disputa pela SI como uma competição de soma zero na qual a liderança norte-americana frente à China deve ser mantida sem amarras globais. Essa perspectiva desregulamentadora diferencia-se radicalmente do modelo proposto por Xi Jinping, que preconiza uma arquitetura de governança multilateral, aberta e inclusiva, voltada para a construção de consensos éticos internacionais.

Sob a ótica do multilateralismo, a postura adotada pela administração norte-americana suscita profundas preocupações estratégicas. Ao rejeitar categoricamente esquemas globais de regulação e subordinar a governança da IA unicamente a mecanismos bilaterais de mitigação de crises imediatas — como o sistema de alerta de incidentes de segurança proposto por Bessent —, os Estados Unidos enfraquecem a construção de normas universais indispensáveis para mitigar os riscos sistêmicos das tecnologias emergentes.

A recusa em aceitar parâmetros multilaterais compromete a equidade no acesso aos benefícios tecnológicos e vulnerabiliza a cooperação internacional em áreas sensíveis, como a vigilância epidemiológica e a segurança biológica digital. A primazia dada à competição mercantil e ao desenvolvimento irrestrito da "Super Inteligência", em detrimento de uma governança ética vinculante e centrada no ser humano como advogada por instâncias

[5] https://www.fmprc.gov.cn/eng/xw/zyxw/202609/t20260925_12031181.html

[6] https://www.whitehouse.gov/releases/2026/09/president-trump-at-the-united-nations-while-others-have-talked-i-have-acted/

multilaterais, acentua as assimetrias geopolíticas e ameaça transformar ecossistemas tecnológicos estratégicos em arenas de atrito desprovidas de salvaguardas coletivas.

Saúde

Em Pequim, fabricantes de vacinas do Sul Global discutem como transformar inovação em imunização, e Brasil apresenta o CIBS a investidores internacionais

A capital chinesa sediou, de 22 a 24 de setembro, a 27ª Assembleia Geral Anual da Rede de Fabricantes de Vacinas de Países em Desenvolvimento (DCVMN). O lema desta edição foi "Transformando Inovação em Imunização". Mais de 40 fabricantes de 17 países em desenvolvimento, nove deles da China, participaram do encontro, em um momento em que o setor busca novas formas de financiar, desenvolver, produzir e distribuir vacinas. O evento de três dias ocorreu no China World Hotel, organizado pela DCVMN em parceria com BJFPI, Sinovac, BioKangtai e Zhifei. Também estiveram presentes a OMS, a Gavi, a CEPI e o UNICEF, além de representantes do Fundo Global, do Grupo Banco Mundial e de autoridades regulatórias.

O peso da rede explica a amplitude da mobilização. Os membros da DCVMN respondem por mais de 60% da produção global de vacinas, abastecem mais de 170 países e já atenderam até 70% da demanda da África, da OPAS e da Gavi 5.0. A Fiocruz, por meio de Bio-Manguinhos, integra a rede.



Delegados na abertura da 27ª Assembleia Geral Anual da DCVMN, em Pequim, em 22 de setembro de 2026. Foto: DCVMN/Newsfile.

Os temas em debate

A programação cobriu produção regional, financiamento e cooperação regulatória, incluindo a pré-qualificação da OMS. Houve ainda sessões sobre o uso de inteligência artificial em pesquisa, manufatura e cadeias de suprimento, e sobre a confiança da população na vacinação. Na abertura, o CEO da DCVMN, Rajinder Suri, disse que a proposta em Pequim era ir

além do habitual e garantir que a voz dos fabricantes de países em desenvolvimento ajude a definir o futuro da imunização.

Os discursos da sessão inaugural apontaram na mesma direção: a inovação só se completa quando chega à população. O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, pediu que os fabricantes transformem inovação em impacto e levem o poder das vacinas a todas as pessoas, em qualquer lugar. O CEO da CEPI, Richard Hatchett, defendeu plataformas de produção sustentáveis, capazes de atender à rotina, à inovação, às prioridades regionais e à resposta a surtos. O ministro da Saúde da Indonésia, Budi Gunadi Sadikin, afirmou que a preparação para a entrega precisa começar junto com a pesquisa, e não apenas quando a aprovação sai.

A sustentabilidade do acesso também apareceu com força. A CEO da Gavi, Sania Nishtar, apontou os membros da DCVMN como forças centrais para ampliar o acesso e reduzir preços nos próximos cinco anos. O diretor-geral do Africa CDC, Jean Kaseya, lembrou que um ecossistema africano de produção exige mais do que infraestrutura e investimento: exige parcerias genuínas e participação equitativa. Pela Fundação Gates, Zhi-Jie Zheng disse que o papel desses fabricantes já não se limita a produzir a baixo custo, e que eles podem cada vez mais definir a própria agenda de inovação. O diretor da OPAS, Jarbas Barbosa, tratou as vacinas como investimentos estratégicos em segurança sanitária, estabilidade social, resiliência econômica e desenvolvimento sustentável.

O país anfitrião apresentou sua própria trajetória. Um representante da Administração Nacional de Controle e Prevenção de Doenças informou que nove vacinas chinesas já obtiveram a pré-qualificação da OMS e entraram nos sistemas internacionais de compra.

O CIBS apresentado ao mercado internacional

Foi nesse ambiente que o governo brasileiro levou a Pequim o projeto do Complexo Industrial de Biotecnologia em Saúde (CIBS). No dia 22 de setembro, uma delegação formada pelo Ministério da Saúde, pela Fiocruz/Bio-Manguinhos e pelo Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) da Casa Civil apresentou oficialmente a Parceria Público-Privada a fabricantes, investidores e organismos internacionais. A apresentação ocorreu no China World Summit Wing. A delegação contou com a International Finance Corporation (IFC), braço do Grupo Banco Mundial para o setor privado, que estrutura o projeto em conjunto com o BNDES. Ao longo da missão, a equipe também manteve reuniões bilaterais com potenciais interessados no escritório do IFC em Pequim.

O CIBS será construído no Distrito Industrial de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Voltado ao processamento final de vacinas e biofármacos, está sendo apresentado como o maior complexo do gênero na América Latina. O campus terá 580 mil m², com 343 mil m² de área construída distribuídos em 28 edificações. A produção estimada supera 120 milhões de frascos por ano, cerca de quatro vezes a capacidade atual da Fiocruz. A demanda existe: Bio-Manguinhos entregou 85 milhões de doses de vacinas e 16 milhões de unidades de biofármacos em 2025, mas sua instalação atual não tem mais espaço para expansão.

A planta foi desenhada para ser flexível. Ela poderá processar vacinas atenuadas, inativadas e de subunidade, além de biofármacos, com linhas de envase para produtos líquidos e liofilizados, seringas preenchidas e tecnologia blow-fill-seal. Parte dos equipamentos já foi adquirida pela Fiocruz. Os projetos executivos, o licenciamento e a preparação do terreno estão substancialmente concluídos.

O investimento estimado é de US$ 1,4 bilhão, com 60% de aportes públicos e 40% privados. O modelo prevê dois contratos licitados simultaneamente, abertos a empresas brasileiras e estrangeiras, isoladamente ou em consórcio. O contrato de infraestrutura, com prazo de 30 a 35 anos, cobre construção, equipamentos, utilidades e serviços de apoio, com remuneração por disponibilidade. O contrato de produção, com prazo de 10 a 20 anos, cobre todo o ciclo de processamento final, da formulação à liberação do produto; as atividades de qualidade ficam sob supervisão e responsabilidade regulatória de Bio-Manguinhos.

Cooperação Sul-Sul presente em Pequim

A EBPMN (Emerging Biopharmaceutical Manufacturers Network) também esteve em Pequim. A rede internacional sem fins lucrativos, dedicada à cooperação Sul-Sul no setor biofarmacêutico entre países do Sul Global e do BRICS. Essa presença liga dois movimentos que marcaram a semana. De um lado, o debate sobre produção regional e novas formas de cooperação entre fabricantes de países em desenvolvimento. De outro, a abertura, pelo Brasil, de uma plataforma produtiva de grande escala a parceiros nacionais e estrangeiros. É nesse espaço que a EBPMN atua: aproximar fabricantes, instituições públicas e investidores do Sul Global em torno de projetos que ampliem a capacidade de produção e o acesso a biológicos.

Sintonia com a agenda global

Apresentar o CIBS na assembleia da DCVMN tem um peso simbólico. Os temas que dominaram a abertura em Pequim — produção regional, novas formas de financiamento, sustentabilidade das plataformas e soberania sanitária — estão no centro do projeto brasileiro. O CIBS também se articula com a Estratégia Nacional para o Complexo Econômico-Industrial da Saúde, o Novo PAC, a Nova Indústria Brasil e a Coalizão Global para Produção Local e Regional, Inovação e Acesso Equitativo, proposta pelo Brasil no G20. Com o projeto, a Fiocruz sinaliza aos parceiros do Sul Global que pretende ampliar sua capacidade produtiva em escala e se consolidar como referência regional em vacinas e biofármacos.